L. S. ALMEIDA

DESOLAÇÃO DO LEITOR

Copyright© 2021 by Leandro de Sousa Almeida. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Este livro, incluindo suas partes, é protegido por *copyright*© e só pode ser reproduzido levando em conta os direitos do autor. Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Revisão, Diagramação, Projeto Gráfico e Capa:
Leandro de Sousa Almeida

Almeida, Leandro de Sousa
Desolação do Leitor / L. S. ALMEIDA – 1. ed. – Joinville - SC: Clube de Autores, 2021.
30 p.; 10,5 cm x 14,8 cm.
ISBN 978-65-00-55214-0
1. Literatura Nacional 2. Ficção 3. Drama

CLUBE DE AUTORES PUBLICAÇÕES
CNPJ: 16.779.786/0001-27
Rua Dona Francisca, 8300 Sala 202ª
Ágora Tech Park, Distrito Industrial,
CEP 89219-600, Joinville, Santa Catarina.
https://www.clubedeautores.com.br

DESOLAÇÃO DO LEITOR

Sou paradoxal em meu existir. Como uma ponte entre dois mundos. Sou nascido e datado neste lugar que eles chamam de terra. Lugar de pessoas, animais, vegetais e tudo mais. Esse lugar é exageradamente mesquinho. Parece que ele influencia para que as mentes não se ampliem para novos horizontes, pois tem que está tudo no seu devido lugar. Cada passarinho precisa está no seu poleiro.

Sou a solução para minhas próprias angustias e a resposta para meus questionamentos. Como eles poderiam falar de algo que não experimentaram? Estou sozinho nessa. Desolado. Estou velho, cansado. Nasci e me criei aqui no meu habitat natural. Neste lugar com grandes estantes, livros e mais livros. Sem falar na poeira que me

sufoca. Esses diários de recordações são registros de sentimentos, reações e descobertas que este mundo humano não saberia decifrar. Não há um só homem culto que decifre.

Conheci mundos maiores, mais ricos em possibilidades. Em alguns deles não preciso ter para ser. Não existem regras. Transformar é tudo o que se faz. Nos outros lugares, nos meus melhores mundos, os de invenções, não preciso atravessar uma ponte, uma vez que posso ter asas para voar. Sou vários, sou outros e deixo de ser quando eu quero.

Nos mundos inefáveis a mentira é o melhor dicionário. Além do mais, não consigo descrevê-los plenamente. Quantas aventuras… Quanto tempo perdi, perdido entre lugares de possibilidades e o das limitações.

Meus netos? Não sei se lerão... não escrevo para eles ou mesmo para mim. Não importa. As letras imploram que eu faça isso. Não sou dono do que escrevo. Nem sei porque, mas é tudo desoriginal. Estou preso neste dilema. Que a poeira e a umidade consuma minha produção.

Eles são pequenos. Seus pais têm mentes pequenas. Este lugar está um caos. Esta escrivaninha está a ponto de desabar. Sim, eu sei, estou velho. Mas, ainda consigo mexer os dedos. Os pensamentos não se mexem, eles dançam cantigas de roda.

Toda noite, quando volto para o leito, me questiono sobre quando tudo irá acabar, se é que tudo se acaba. O fim sempre nos impulsiona para um recomeço, mais uma chance de (re)existir. A solitude é linda, é minha mãe favorita. Conheci os outros mundos através dela. Nos conhecemos dentro de

mim. Se eles a conhecessem… Conheci intimamente a solitude quando meu herói foi destruído por uma doença. Sim, neste mundo inferior elas podem destruir, mas em outros elas são mestres. Quando percebi, ele estava em meus braços me desejando vida enquanto a sua se tornava outra coisa da qual, na ocasião, não sabia falar. No momento não entendi, mas a solitude se encarregou de me explicar cada detalhe.

Se todos conhecessem bem aquele lugar... Como seria inescrutável. Tudo é plural. Não dependo de mim, sou um outro mais forte e diferente a cada momento que me permito explorar. Conheci criaturas maravilhosas, que voam, rastejam e até algumas invisíveis, mas, que até hoje as sinto. Nem sei porque gostava tanto delas, elas eram bizarras.

Me tratavam como um deus. Não sou. Não tenho essa vaidade humana.

Quando é que lhes cairão a ficha de que estão cegos? Já tentei convencê-los de que há outros lugares melhores. Não importa, eles acreditam que estou louco. Cansei de tantas páginas. Já escrevi tanto. Eles não se importam com esses papéis velhos, pois não passam de um monte de velharias de um velho louco.

Quisera eu que eles vissem o que eu vejo. Quisera eu que eles sentissem o que eu sinto quando estou viajando, sé é que alguma vez deixei de fazer isso. O lá está aqui, e este é o meu lar. Deixo essas palavras em mais um dos vários diários que escrevo para um provável alguém. Mas, ninguém nunca me lerá.

…

Estive fora por alguns dias. Estive na casa de alguém desta terra. Um familiar que prezo muito. Deixei o meu habitat sozinho. Fiz as malas e fui, no entanto, já estou de volta. A poeira me recebeu calorosamente. Enquanto estive lá, não sei ao certo se estive lá ou nos outros lugares. Onde quer que eu vá sempre estou naqueles outros lugares. Eles me perseguem. Insistem em existir em mim.

Conversas sobre números, dados, finanças e bens materiais. Parece-me que eles só sabem falar nisso. Foi uma tortura. Estava com os dedos coçando, porquanto queria escrever. Eles achariam inconveniente. Tentei agir como eles. Como eles conseguem? É incrível! Eu não saberia viver assim. É tudo tão pequeno, sem criatividade, sem intenção do coração. Foram tristes aqueles dias. Porém, um

velho como eu não saberia o que é viver... Sou arcaico. Para eles sou alguém que o passado esqueceu e o futuro rejeita. Tentei transformar aquela realidade com o poder das minhas palavras. Elas voavam, tentavam encontrar abrigo em alguém, mas eles não se permitiam. Foram poucos dias, mas foram eternos… E como foram.

As crianças me cercaram. Para elas eu sou uma relíquia milenar. Minto, sou um brinquedo frágio. Sou o que a vida vem preservando até não conseguir mais. Mas, elas gostam de mim de verdade. Chamam-me de vovô. Eu as amo. Gosto de pensar que elas conhecem meus outros mundos, talvez mais do que eu. Elas me levam a desvendar as questões da existência. Que imaginação… Elas são fantásticas! Toda criança nasce inclinada para conhecer os mundos. Elas questionam sobre as

coisas porque tentam relacioná-las. São Magnificas. Infelizmente, elas crescem e se deixam limitar a uma só realidade. Daí, começa a escravidão. Minhas cartas de alforria não as libertam. Ou talvez sim. Fico pensando.

Eles me acolhem. Meus filhos me acolhem. Eles me visitam. Me presenteiam com aquilo que eles julgam servir para mim. Nunca serviu. Se eles visitassem meus outros mundos saberiam do que eu gosto. Também poderiam ser deles. De todos, inclusive do provável alguém que lerá essas páginas.

Quando me trouxeram, no caminho visitei um outro mundo. Para eles eu estava ouvindo as tolices que falavam, mas eu estava muito longe. Longe o bastante para viver grandes aventuras no caminho para casa na companhia de uma fada.